

nova
escola

BNCC.NOVAESCOLA.ORG.BR

BNCC NA PRÁTICA

Tudo que você precisa saber
sobre **História**

REALIZAÇÃO:

associação

nova
escola

CO-REALIZAÇÃO:

1 FUNDAÇÃO
Lemann



Índice

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1 // O QUE MUDOU? O que muda em História para o Ensino Fundamental	4
CAPÍTULO 2 // O QUE E COMO ENSINAR Como preparar uma aula de História alinhada à Base	9
CAPÍTULO 3 // OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM BNCC para História: entenda os objetivos de aprendizagem	16
CAPÍTULO 4 // BNCC NA PRÁTICA Como fazer uma atividade sobre a Segunda Guerra e o Holocausto	19
CAPÍTULO 5 // PARA SE APROFUNDAR “O professor mais ideológico é aquele que não tem ideologia”, avalia especialista	23
CAPÍTULO 6 // ANÁLISE DA ESPECIALISTA Supere a ideia do “tem que estudar porque está no livro”	26
CAPÍTULO 7 // DICAS PARA SUA FORMAÇÃO O que ler para se preparar para a BNCC de História	31
CAPÍTULO 8 // TESTE SEUS CONHECIMENTOS Teste seus conhecimentos sobre a BNCC de História	34

Introdução

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define os direitos de aprendizagens de todo aluno e aluna do Brasil. É uma mudança relevante em nosso processo de ensino e aprendizagem porque, pela primeira vez, um documento orienta os conhecimentos e as habilidades essenciais que bebês, crianças e jovens de todo o país têm o direito de aprender — ano a ano — durante toda a vida escolar. Mas ainda há dúvidas sobre esta política pública e as mudanças que ela traz. As primeiras delas: o que é a BNCC? Como ela impacta as minhas aulas? Como me preparar para colocá-la em prática? Para ajudá-lo nestas e em outras questões, a **NOVA ESCOLA**, em parceria com a Fundação Lemann, preparou uma série de e-books sobre as mudanças em cada disciplina do Ensino Fundamental e na etapa da Educação Infantil. Nosso objetivo é destrinchar as principais mudanças e concretizar a implementação da BNCC. Esse guia é o primeiro passo. Leia e converse com o coordenador pedagógico ou o diretor da sua escola. É importante que todos os professores também façam a leitura. Depois, acesse nossos cursos de formação online e planos de aula já alinhados à BNCC. Todo o material é gratuito.

CAPÍTULO 1 // O QUE MUDOU?

O que muda em História para o Ensino Fundamental

Base propõe que alunos possam relacionar o passado com o presente e tenham uma visão crítica dos fatos históricos

TEXTO: RITA TREVISAN

O passado deve dialogar com o presente. Esse é um dos pontos principais que a BNCC traz para o ensino de História. De acordo com a Base, é preciso “transformar a história em ferramenta a serviço de um discernimento maior sobre as experiências humanas e das sociedades em que se vive”. Sendo assim, os alunos não devem apenas aprender sobre os fatos de maneira distante ou fora de contexto a outros fenômenos e, principalmente, do próprio presente.

O QUE ISSO SIGNIFICA?

Que através de processos, como os cinco propostos pela Base (**identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise**), os alunos devem ser estimulados a fazer uma leitura crítica dos fatos históricos. Para que isso aconteça, é essencial que todos se sintam motivados a partir dos conhecimentos que adquirem nas aulas a formularem perguntas sobre o passado e sobre o presente. Os alunos devem ser incentivados a apresentar suas hipóteses e interpretações acerca dos fatos para questionarem e confrontarem o conhecimento préestabelecido.

Por isso, é preciso planejar aulas que permitam que os conhecimentos do professor se transformem em instrumentos de construção do saber, com espaço para uma postura ativa dos estudantes diante de suas aprendizagens. Veja a seguir quais são:

1



IDENTIFICAÇÃO

O QUE É? – O processo de reconhecimento de uma questão ou objeto a ser estudado.

COMO CONDUZIR O ALUNO NESSE PROCESSO – A partir da formulação de perguntas como:

“O que é?”

“Como é possível descrevê-lo?”

“Como pode ser lido?”

“Que conhecimentos precisam ser mobilizados para reconhecer o objeto?”

“A quais componentes culturais ele está intrinsecamente ligado?”

“Qual é o sentido que nossa cultura atribui a ele?”

UM EXEMPLO – No início do processo de pesquisa sobre uma questão histórica, ao tomar contato com um objeto, é possível reconhecer em detalhe a sua linguagem. Identificar um mapa ou uma planta ou até mesmo ler uma escala são atividades recomendadas nessa etapa. Identificar é também desnaturalizar a visão que se tem de determinado objeto de estudo, tentando apenas vê-lo como é, sem a “interferência” dos componentes culturais.

2

COMPARAÇÃO

O QUE É? – Conhecer o outro percebendo suas semelhanças e diferenças. Ao comparar, crianças e jovens podem ter uma melhor compreensão dos fenômenos, dos processos históricos e das fontes documentais.

COMO CONDUZIR O ALUNO NESSE PROCESSO – Apresentando fatos históricos correlacionados, de modo que o aluno possa ampliar seus

conhecimentos em relação a outros povos e de seus costumes específicos. O pensamento articulado entre as dimensões do “eu”, do “outro” e do “nós” preparam os alunos para enfrentar situações marcadas pelo conflito ou pela conciliação, estimulando também o respeito à pluralidade cultural, social e política.

UM EXEMPLO – No ano de 1500, a cidade de Tenochitlán, no México, tinha entre 500 mil e 1 milhão de habitantes e ostentava uma estrutura urbana complexa, com aquedutos e diques. Na mesma época, Paris tinha cerca de 200 mil habitantes e Veneza, 105 mil. Apenas cinco cidades da Europa tinham mais de 100 mil habitantes naquela época. “A comparação, aliada à identificação quantitativa permite ao aluno ver o mundo a partir de outra proporção”, explica Janice Theodoro da Silva, professora aposentada da FFLCH-USP (Departamento de História).

3

CONTEXTUALIZAÇÃO

O QUE É? – Localizar momentos e lugares específicos em que determinados fatos históricos ocorreram no momento de atribuir sentidos e significados.

COMO CONDUZIR O ALUNO NESSE PROCESSO – O aluno deve identificar o momento em que uma circunstância histórica é analisada e as condições específicas daquela realidade. Um evento não deve ser estudado de forma isolada, mas inserido em um quadro amplo de referências sociais, culturais e econômicas.

UM EXEMPLO – O aluno pode ser estimulado a pensar sobre questões secundárias que ajudarão a construir o contexto. Perguntas a serem feitas:

“O que é preciso saber para administrar uma cidade com 1 milhão de habitantes?”

“Como aconteceram os processos civilizatórios?”

A Base sugere, em meio aos debates propostos em sala de aula, que sejam destacadas as dicotomias entre Ocidente e Oriente e os modelos baseados na sequência temporal de surgimento, auge e declínio. Ambos dão conta de explicar questões históricas complexas.

4

INTERPRETAÇÃO

O QUE É? – Posicionar-se criticamente sobre o conteúdo estudado em sala de aula. Segundo o texto da Base “interpretações variadas sobre um mesmo objeto tornam mais clara e explícita a relação sujeito/objeto e, ao mesmo tempo, estimulam a identificação das hipóteses levantadas”.

COMO CONDUZIR O ALUNO NESSE PROCESSO – Diante de um mesmo fato, os alunos devem ser capazes de levantar diversas hipóteses e desenvolver argumentos acerca delas. O estudante pode, por exemplo, ser chamado a questionar: “O que torna determinado evento um marco histórico?”

UM EXEMPLO – No momento de interpretar, o aluno pode construir argumentos sobre o conteúdo estudado, discutir com os pares e selecionar diferentes proposições. “Pode perguntar e responder a questões como: por que o incêndio nas Torres Gêmeas é um marco histórico e um incêndio de uma casa em São Paulo não é?”, sugere Janice.

5

ANÁLISE

O QUE É? – Problematizar a própria escrita da História, considerando as pressões e restrições de que ela também é fruto, da mesma forma como as

outras produções da sociedade em que vivemos.

COMO CONDUZIR O ALUNO NESSE PROCESSO – É possível propor atividades para que os alunos construam hipóteses sobre as questões ideológicas abordadas em sala de aula.

Algumas questões norteadoras:

“Como foi produzido aquele saber?”

“Para que serve?”

“Quem o consome?”

“Seu significado se alterou no tempo e no espaço?”

UM EXEMPLO – Ao se deparar com um fato histórico, além de conhecê-lo, o aluno deve ser capaz de compreender que é o produto de um embate de forças que resulta na elaboração de significados, que podem ser reinterpretados. É interessante que o estudante reconheça as tensões sociais, culturais, religiosas, políticas e econômicas intrínsecas ao processo de formação das sociedades que se sucederam ao longo do tempo. Ao analisar o desenvolvimento de diversos povos, no século 14, por exemplo, é importante que o aluno compreenda que toda a História é contada a partir de determinada perspectiva que pode ser desconstruída.



CAPÍTULO 2 // O QUE E COMO ENSINAR

Como preparar uma aula alinhada à Base

Didática adotada não deve apenas focar nos fatos históricos, mas estabelecer relações entre eles e discuti-los sob uma perspectiva própria do aluno

TEXTO: RITA TREVISAN

Na prática educativa, há uma relação direta entre os conteúdos a serem ensinados e aprendidos, os métodos de ensino, os usos de materiais didáticos, as formas de organização da sala de aula e as dinâmicas de interação entre aluno e professor. Por isso, diante das habilidades e objetos de conhecimento apresentados na Base, é preciso repensar cada uma dessas dimensões.

Veja, abaixo, o caminho para fazer isso:

// COMO SELECIONAR OS CONTEÚDOS

Todo currículo representa uma seleção de conteúdos. Em História, a tradição desde o século 19, é de narrar a formação e a evolução da civilização ocidental em direção ao domínio do mundo. Essa narrativa, baseada na ideia de progresso, foi dividida em dois grandes blocos:

PRÉ-HISTÓRIA

HISTÓRIA (QUE PASSA A SER DIVIDIDA EM ANTIGUIDADE, MEDIEVAL, TEMPOS MODERNOS E CONTEMPORÂNEOS)

A afirmação das nações criou a necessidade de situar e inserir a história nacional nessa trajetória. Mas esse modelo, ao longo do tempo, recebeu diversas críticas, como a de que organiza o passado valorizando os elementos da sociedade e da cultura europeias em detrimento de outras culturas e a de que separa, de forma estanque, os fatos políticos, sociais, econômicos e culturais.

NO QUE O PROFESSOR DEVE PENSAR?

ANOTE: um exercício interessante para o professor é pensar em como fazer essa exposição e não apenas no que ensinar ou nos conteúdos em si.

“É preciso quebrar o paradigma de que a História apresentada é definitiva, verdade acabada e fixa. A História é um campo de conhecimento em permanente construção”, ressalta o Doutor em Educação Paulo Eduardo Dias de Mello, professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Ele indica que o aluno seja estimulado com perguntas do tipo: “Como pudemos saber isso sobre o passado? Ou como sabemos o que sabemos?”

“Os currículos de História são extensos como um lago gigantesco, mas possuem apenas um dedo de profundidade. O peso dos conteúdos está na abordagem e nos procedimentos metodológicos que utilizo em sala de aula. Se posso optar por uma visão panorâmica e extensa, isso não significa que não posso realizar mergulhos e aprofundamentos em determinados temas”, explica.

// QUAIS FONTES DE INFORMAÇÃO USAR

Além de apresentar o passado em uma única e certa narrativa, que pode ser ilustrada por meio de documentos, é possível conduzir o aluno além.

Trata-se de fazer as crianças e os jovens refletirem sobre as explicações apresentadas em sala de aula, como elas foram elaboradas, se entram em divergência e de que forma essas contradições são superadas.

“É preciso selecionar e usar fontes históricas na sala de aula, evitando que elas sejam meras evidências ou provas do passado”, diz Mello.

Hoje, a produção didática incorpora ao livro escolar um conjunto valioso de documentos escritos e não escritos (inclusive com conteúdos digitais), além de textos de historiadores. “Existem alguns livros que trabalham com propostas de projetos de investigação e trazem conjuntos de documentos diversos organizados em dossiês temáticos”, afirma Mello. Um exemplo é a coleção *História em Documento* (Editora FTD). Assim, professor e aluno não possuem apenas o texto didático definido pela narrativa do autores. Isso possibilita maior flexibilidade para buscar e utilizar diferentes fontes documentais disponíveis.

FONTES DIGITAIS

Novas tecnologias trouxeram mais acesso aos acervos documentais. Houve um dilúvio de informações e uma explosão do número de sites. Obviamente, isso obriga o professor a adotar cuidados na filtragem e seleção dos sites que apresenta aos alunos. Os mais recomendados são os ligados a instituições públicas, como universidades, grupos de pesquisa,

museus, arquivos históricos, bibliotecas e instituições privadas sérias de interesse público.

Ao utilizar essas fontes digitais, o professor pode, ainda, discutir os mecanismos de busca. Eles precisam ser usados com cuidado para que possam revelar a diversidade de objetos e não apenas aqueles definidos por determinados algoritmos.

PESQUISE ESSES SITES PARA BOAS REFERÊNCIAS

The Internet Archive – <https://archive.org>

Instituto Moreira Salles – <https://ims.com.br>

Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional – <http://bndigital.bn.gov.br>

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo – <https://www.bbm.usp.br/>

LEMAD – Laboratório de Ensino e Material Didático da USP – <http://lemad.fflch.usp.br/>

Arquivo Público do Estado de São Paulo – <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/>

Portal da Legislação Brasileira – <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/>

ANPHAC – Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas – <http://anphlac.fflch.usp.br/>

Na sala de aula:

>> Recomenda-se que o professor problematize o passado humano em sua diversidade, formulando perguntas sobre o presente.

>> Para fazer a turma pensar, é preciso criar situações de questionamento, mobilizar comparações sobre mudanças e permanências nas situações, diferenças e semelhanças na maneira como as sociedades se organizam, indicando a complexidade e as conexões entre os acontecimentos.

// UM EXEMPLO DE COMO FAZER

Uma aula pode começar a partir de algo que tenha impacto direto na vida dos alunos hoje, como por exemplo, a coleta de esgoto, e sua relação com fatos históricos.

O desenvolvimento de redes de abastecimento de água e de coleta de esgoto e a proibição da escravidão no Brasil aconteceram no mesmo período. Em meio a um estudo sobre a escravidão moderna, que acabou na Lei Áurea, os alunos podem ser levados a entender que tipo de trabalhos eram realizados pelos escravos a partir da compreensão de que eles é que recolhiam o esgoto das casas de seus senhores para despejar nos rios.

Para trabalhar também o tema da escravidão no Brasil, é interessante apresentar aos alunos alguns dados sobre desigualdade racial na atualidade e começar a colher respostas sobre por que isso acontece e quando teria começado. Em uma sequência de atividades, o objetivo é levar os alunos a entenderem que o racismo é fruto da escravidão e não sua causa. A partir de temáticas como essas, professor e aluno podem estabelecer múltiplas relações entre o problema atual e a sociedade.

“Trata-se de entender que somos e estamos mergulhados nos fluxos do tempo e não num presente contínuo e estático. Pensar historicamente contribui para buscar sentido sobre nossas vidas, injeta reflexão sobre nossa própria experiência individual e impele a buscar significados para nossas atuações no mundo”, afirma Mello. Uma aula como a citada, por exemplo, dá ensejo a um posicionamento crítico sobre como equacionamos os problemas ambientais e sociais de nossa época. Nesse caso, o pensar historicamente contribuirá para entender as soluções possíveis.

// ENGAJANDO OS ALUNOS

Para incentivar o pensar historicamente, ou seja, problematizar o presente, o passado com o conhecimento acumulado em sala, é preciso romper com

formas estáticas e rígidas de organizações didáticas.

ANOTE: é necessário superar as aulas centradas apenas na transmissão oral e desenvolver atividades de aprendizagem que não se tratam apenas de memorização e de mera devolução de respostas padronizadas.

Isso não significa que as aulas não devam ser planejadas e estruturadas, ao contrário, o desafio é planejar atividades que permitam que os alunos percebam os sentidos atribuídos ao passado, de forma que eles possam construir novos sentidos por meio da leitura, da pesquisa e da interpretação.

Sempre que possível, os alunos devem ser estimulados a dizer o que sabem sobre o assunto, externando seus saberes prévios, expressando representações sociais sobre grupos, pessoas, acontecimentos e práticas. E isso não deve acontecer apenas no início de determinado estudo, mas durante todo o processo. “Ao questionar o aluno, o professor tem conhecimento sobre o que o aluno sabe e o que pensa sobre o que sabe”, explica Mello.

Cabe ao professor identificar que perguntas são relevantes não apenas em relação ao conteúdo, mas para criar um espaço organizado de debate e reflexão. É preciso ensinar o aluno a ouvir, a esperar para poder falar, a pensar sobre o que será dito, a se comunicar de uma forma colaborativa e não violenta.

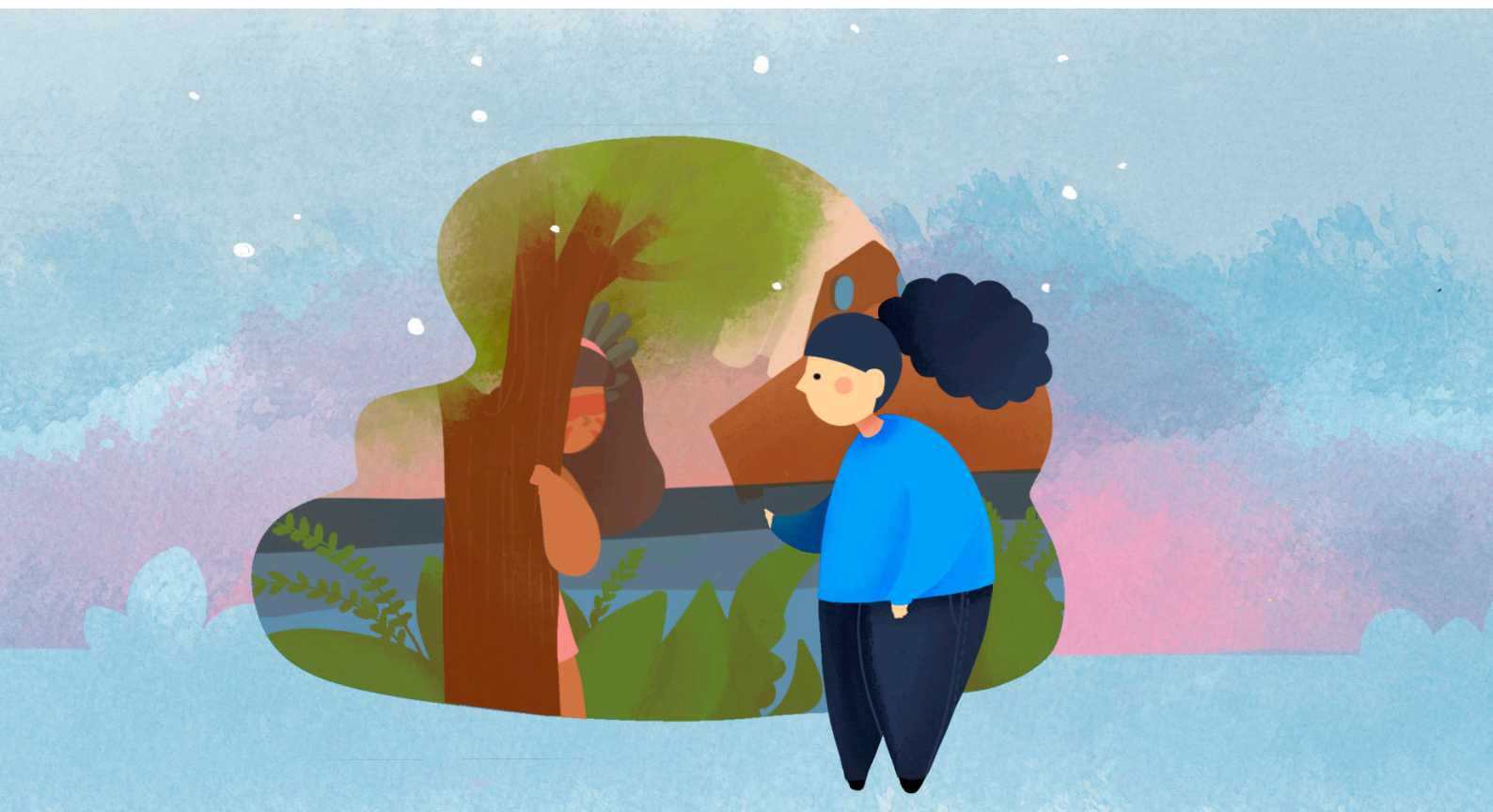
// AVALIAÇÕES

Para saber se um aluno está aprendendo a pensar historicamente, é preciso mobilizar essa capacidade por meio de atividades que expressem apropriações dos conceitos e dos procedimentos históricos discutidos em sala de aula. Não basta responder a testes, preencher cruzadinhas, diferenciar falso ou verdadeiro. É fundamental que o aluno se posicione criticamente sobre o que aprendeu, inclusive, por escrito.

O ideal é que o processo de avaliação do aluno seja contínuo, que sejam considerados os saberes que ele já possui e traz para a escola, as hipóteses e os domínios que revela sobre os conteúdos históricos. Bons

processos avaliativos costumam resultar de atividades de explicação que são propostas aos alunos no início da sequência didática e retomadas (e revisadas) por eles ao final.

Nessa perspectiva, a avaliação não é usada como forma de classificação e exclusão dos estudantes que não atingiram determinados padrões de desempenho, mas como instrumento para o professor planejar as intervenções que precisam ser feitas, a cada etapa, considerando a realidade de seus alunos. O exame também serve para que os estudantes tenham condições de avaliar seus próprios progressos. “O professor deve observar as conquistas e obstáculos que ocorrem no processo de ensino e aprendizagem, verificando e avaliando a apreensão de conteúdos, noções, conceitos, procedimentos e atitudes, estabelecendo comparações com o que demonstravam ou não saber antes, durante e após o final do processo”, diz Mello.



CAPÍTULO 3 // OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

BNCC para História: entenda os objetivos de aprendizagem

Saiba quais são os principais objetivos de aprendizagem em História no Fundamental 1 e 2

TEXTO: RITA TREVISAN

A Base estabelece objetivos de aprendizagem, assim como habilidade e capacidades que o aluno deve desenvolver em História. Veja o que são:

// PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

PRINCIPAIS OBJETIVOS

- >> Apoiar a construção do sujeito, a partir do reconhecimento do “eu”, do “outro” e do “nós”.
- >> Facilitar a compreensão de tempo e espaço, a partir do referencial da comunidade de pertencimento.

NA PRÁTICA – O aluno deve ser capaz de:

- >> Reconhecer o “eu” e o “outro” a partir da própria realidade e das referências de seu círculo pessoal e da sua comunidade.
- >> Entender e diferenciar o público do privado e o urbano do rural.
- >> Conhecer como foi a circulação dos primeiros grupos humanos.
- >> Pensar sobre a diversidade de povos e culturas diferentes e suas formas de organização.
- >> Desenvolver a noção de cidadania, com direitos e deveres.
- >> Reconhecer a diversidade, conviver com ela e respeitá-la.
- >> Analisar as formas de registros que cada grupo social produz.

// PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

PRINCIPAIS OBJETIVOS

>> Apresentar a dimensão de espaço e de tempo sob a perspectiva da mobilidade das populações e as formas de inserção ou marginalização delas em culturas diferentes.

>> Desenvolver habilidades com foco em processos como contextualização, comparação, interpretação e proposição de soluções.

NA PRÁTICA – O aluno deve ser capaz de:

>> Refletir sobre as formas de registro histórico e a construção da Antiguidade Clássica em contraste com outras sociedades e outras concepções de mundo.

>> Compreender o período medieval na Europa e as formas de organização social e cultural em algumas regiões africanas.

>> Conectar aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais ocorridos a partir do fim do século 15 até o final do século 18.

>> Compreender os processos de independência das Américas e especialmente do Brasil.

>> Conhecer a história republicana do Brasil e posicionar-se criticamente em relação ao protagonismo de diferentes grupos e sujeitos históricos.

>> Problematizar conflitos mundiais e nacionais como as Grandes Guerras e a Revolução Russa.

>> Relacionar os diversos eventos envolvendo os povos europeus, africanos, asiáticos e latino-americanos nos séculos 20 e 21, incluindo a história recente.



CAPÍTULO 4 // BNCC NA PRÁTICA

Ensinando História: uma atividade sobre a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto

Professora do 9º ano desenvolveu uma sequência didática partindo do Holocausto até os dias atuais, conduzindo os alunos a uma discussão sobre xenofobia e outros temas atuais

TEXTO: RITA TREVISAN

A professora Ariana Peixoto, da EE Carlos Maximiliano Pereira dos Santos, da cidade de São Paulo, construiu uma atividade para trabalhar a história da Segunda Guerra Mundial, do Holocausto e do antissemitismo. Na sequência didática elaborada, os alunos puderam relacionar esses acontecimentos e a discriminação contra o povo judeu com assuntos de hoje. Incentivando a pesquisa, o debate em aula, o posicionamento dos alunos e a produção de textos argumentativos, a atividade de cinco aulas atende às habilidades que a BNCC propõe para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

PLANO DE AULA

1ª E 2ª AULAS

OBJETIVO – Identificar em documentos e iconografias os métodos de extermínio dos judeus promovidos pelo nazismo e seus apoiadores.

CONTEÚDO A SER TRABALHADO

>> Segunda Guerra Mundial

>> Antissemitismo

>> Holocausto

COMO FAZER

>> Exibição de trecho do vídeo da Segunda Guerra Mundial do Canal Nostalgia (entre os minutos 39 e 45) – <http://bit.ly/v2gmyoutube>

>> Discussão coletiva.

>> Leitura e análise do livro didático.

3ª AULA

OBJETIVO – Estabelecer relações entre os fatos históricos estudados e as

intolerâncias presentes na sociedade atual.

CONTEÚDO A SER TRABALHADO

>> Intolerâncias sociais, sexuais, religiosas e raciais.

COMO FAZER

>> Leitura de textos sobre homofobia, xenofobia, intolerâncias religiosas e raciais, previamente selecionados pela professora.

4ª E 5ª AULAS

OBJETIVO – Posicionar-se criticamente a respeito do tema.

CONTEÚDO A SER TRABALHADO

>> Antissemitismo, intolerâncias em geral e bullying.

COMO FAZER

>> Produção de texto opinativo acerca do conteúdo estudado.

SOBRE A ATIVIDADE

Além do livro didático, a professora usou trechos de vídeos e artigos selecionados da Internet. “Não conseguiria passar o vídeo todo em sala, então fiz alguns recortes. Achei importante apresentar os países participantes do conflito e das causas até chegar à ascensão do nazismo na Europa. Os alunos também viram um trecho que fala sobre o Holocausto. Depois, leram um texto sobre os judeus que ficaram resistentes nesse período, um panfleto onde pediam ajuda, além de outros artigos selecionados”, explica. Foi trabalhada a interpretação desses textos e, por fim, eles produziram um texto opinativo juntamente com a professora de Língua Portuguesa da escola.

A participação dos alunos superou as expectativas, comemora a professora: “O envolvimento foi grande, porque fizemos a relação com temas do cotidiano. Outro dia, uma professora comentou que os alunos estavam falando sobre xenofobia e perguntou se eu tinha abordado o tema. Fiquei contente por saber que eles estavam conversando sobre isso fora da sala de aula”, diz.

HABILIDADES DA BNCC RELACIONADAS AO 9º ANO

A sequência permitiu desenvolver, nos alunos, as seguintes habilidades descritas na Base:

(EF09HI10) Identificar e relacionar as dinâmicas do capitalismo e suas crises, os grandes conflitos mundiais e os conflitos vivenciados na Europa.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século 21, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.



CAPÍTULO 5 // PARA SE APROFUNDAR

“O professor mais ideológico é aquele que não tem ideologia”, avalia especialista

Oldimar Cardoso, autor de livros didáticos e formador de professores, explica por que considera importante o contato com diferentes visões de mundo em sala de aula

TEXTO: RITA TREVISAN

Para o professor formador Oldimar Cardoso, a última versão da BNCC representa um avanço significativo em relação aos PCNs. Ele defende que houve um retrocesso entre a primeira versão e a final, mas faz um balanço positivo sobre o documento: “De qualquer forma, a Base consagra um modelo de ensino mais próximo do que é realizado de fato pela maioria dos professores de História, sendo, portanto, muito mais realista e coerente”, afirma. Segundo o especialista, a grande ruptura é a ênfase na “atitude historiadora” do aluno.

Veja a entrevista a seguir:

A questão da ideologia nas aulas de História não aparece de forma clara na BNCC e não estava presente nos documentos anteriores. Porém, essa discussão está sendo trazida à tona, principalmente, a partir do surgimento do Movimento Escola sem Partido. É importante que o professor conheça esse debate e que se posicione?

O professor precisa saber que o Escola Sem Partido existe, mas na minha opinião, não há um debate sobre isso. A proposta do movimento, que pretende estabelecer deveres e punições aos educadores, é inconstitucional e ponto final. Dizer que há um debate é dar uma legitimidade jurídica que ele não tem.

É possível tratar aspectos ideológicos em sala, sem entrar em questões políticas e partidárias?

Adotar a idade dos alunos como critério para formar classes é ideologia, organizá-los em fileiras é ideologia, aula de 50 minutos é ideologia. Não existe escola sem ideologia e é impossível que qualquer ser humano se separe de sua ideologia para fazer qualquer coisa, inclusive para dar aula.

Então, como deve ser colocada a questão da ideologia de modo livre?

Posicionar-se ideologicamente é a única atitude profissionalmente honesta que um professor pode ter. Dizer-se apartado de uma ideologia é ser intelectualmente desonesto. Ao meu ver, não há nenhum problema em um professor defender determinada ideologia perante os alunos, aliás, é impossível que um professor não faça isso. O professor mais ideológico é aquele que diz que não tem ideologia. O único caminho que resolve é ter uma escola pública plural, com professores contratados por concurso público e tratados com respeito pela sociedade. Uma opção possível é garantir que os alunos tenham contato com professores de múltiplas ideologias ao longo da escolaridade.

Para que o aluno seja estimulado a analisar as diferentes visões de

mundo antes de expressar sua opinião, respeitando a diversidade, como o professor pode se posicionar?

Posicionar-se ideologicamente não significa deixar de apresentar múltiplas interpretações das fontes e análises dos historiadores aos alunos. O professor não pode ser proibido de expor sua ideologia, essa proibição, inclusive, seria inconstitucional. Mas, ao mesmo tempo, ele tem a obrigação profissional de apresentar múltiplas perspectivas. Não é uma questão de posicionar-se, mas de fornecer aos alunos múltiplas fontes e permitir que eles tomem contato com elas e possam interpretá-las sem depender demais da opinião do professor.

Como as atividades em classe precisam ser pensadas para estimular esse debate e para que ele permita que os alunos avancem em seus conhecimentos?

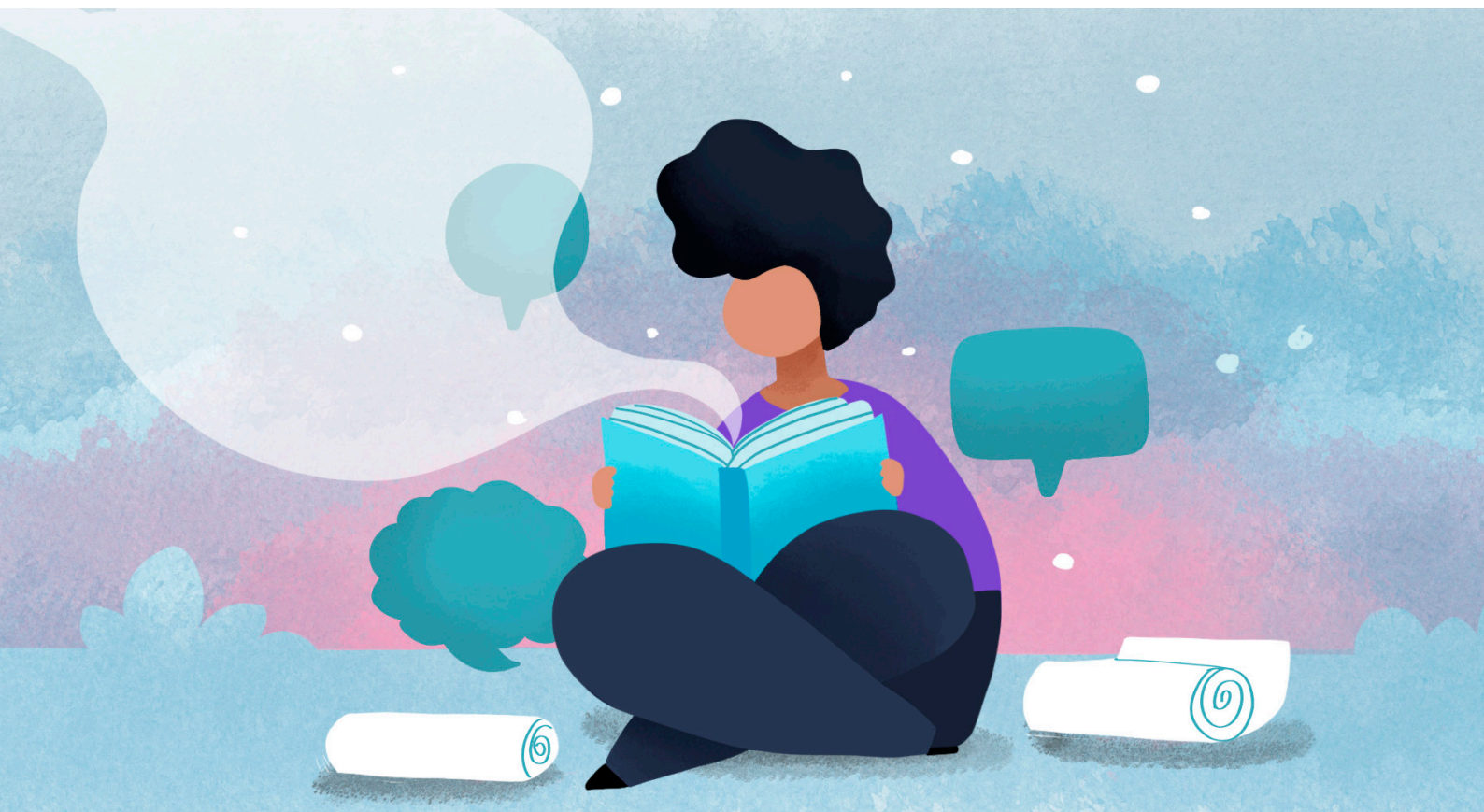
“NÃO É UMA QUESTÃO DE POSICIONAR-SE, MAS DE FORNECER AO ALUNO MÚLTIPLAS FONTES”

Oldimar Cardoso

As atividades em classe precisam conter sempre múltiplas fontes. O ideal, mas nem sempre possível, é apresentar quatro fontes diferentes porque uma fonte só é vista pelos alunos, normalmente, como a detentora da verdade. Duas fontes são vistas como a certa e a errada, três são vistas como a certa, a errada e o meio-termo. A partir de quatro fontes, a lógica da multiperspectividade se descortina para os alunos automaticamente, sem que o professor precise ficar fazendo discurso. E, claro, as aulas expositivas em que o professor narra a história aos alunos deixam de ser importantes e passam a ser substituídas por outras, em que os alunos sejam protagonistas.

Na sua opinião, o que precisará ser trabalhado com mais ênfase nos documentos que virão, em relação ao componente de História?

O próximo passo é aprofundar a ideia de que os fatos e os conceitos não são o fim, são apenas o meio para ensinar a pensar historicamente.



CAPÍTULO 6 // ANÁLISE DO ESPECIALISTA

Supere a ideia do “tem que estudar porque está no livro”

O conhecimento histórico escolar não é algo “parado no tempo”. A BNCC ajuda a pensá-lo a partir de questões que são colocadas no presente dos alunos e alunas



Daniel Vieira Helene,

Doutor em História pela Universidade de São Paulo com a tese *A História, seu ensino e sua aprendizagem: conhecimentos prévios e o pensar historicamente*, coordenador pedagógico, professor de História na Educação Básica e formador de professores

○ nde o passado termina e o futuro começa talvez seja a definição de “tempo presente” mais objetiva a que poderemos chegar – e evidentemente ela é muito pouco objetiva, pois esse momento é quase intangível: no instante em que tomamos consciência de algo que acabou de nos acontecer, esse algo já não é mais presente, torna-se passado. Porém, como o Padre Antônio Vieira já pensava, o presente pode ser traduzido como os instantes em que “vamos vivendo”. E se é os instantes em que vamos vivendo, é também os instantes em que vamos pensando, planejando, entendendo, avaliando. Talvez, portanto, o presente seja definível em poucas palavras como o tempo no qual a vida se dá, no qual a vida acontece.

Ora, mas por que estamos divagando sobre o presente, se este texto se propõe a tratar da História? No documento da Base Nacional Comum Curricular, traz o seguinte texto (pág. 395): “Todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos”. E um pouco mais abaixo: “As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para

a formação das crianças e jovens na escola são as (questões) originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual.”

O tempo presente aparece de maneira contundente para justificar o estudo da História na escola: os objetos de conhecimento (ou conteúdos) do passado que faz sentido estudar são aqueles aos quais o presente dá sentido.

“HISTÓRIA É ALGO PARA PENSAR E NÃO PARA MEMORIZAR”

É assim - para tratarmos antes do conhecimento histórico acadêmico - que o historiador procede como pesquisador: inicialmente, há algo no presente que o inquieta e o mobiliza em direção ao passado; é do presente que surgem suas questões de pesquisa, sua vontade de saber.

Isso é possível, mesmo sabendo que os estudantes da Educação Básica não são historiadores (nem devem ser tomados como tais)? Se assim se produz o conhecimento histórico acadêmico, por que, em geral, pensamos no conhecimento

histórico escolar como algo “parado no tempo”, cujo interesse está em si mesmo?

O que o texto da Base pode nos ajudar a pensar é que também a História que os alunos e alunas estudam na escola deve fazer sentido a partir de questões que são colocadas no presente. Isso deve nos auxiliar na superação da ideia de que é preciso estudar (por exemplo) a colonização “porque sim”, “porque está lá no livro”, “porque é importante”.

É importante por quê? Temos de nos fazer sempre essa pergunta. Nesse exemplo, poderíamos responder que é importante porque na colonização forjou-se muito daquilo que determina a nossa sociedade brasileira até os dias atuais. Por exemplo, a exploração de pessoas escravizadas que eram trazidas para as Américas desde a África Subsaariana produziu uma sociedade que é, até os dias atuais, racista e bastante violenta. Se essa é uma questão decisiva para se compreender a nossa sociedade, então importa que a estudemos na escola.

Mas é ainda mais: a História que os alunos e alunas estudam na escola deve fazer sentido para eles e para elas. É preciso que nos empenhemos, por um lado, em descobrir os caminhos que possam levar os estudantes a tornarem deles e delas algumas das questões que nós, professores, já conhecemos. Por outro lado, temos de descobrir quais são as questões que eles trazem. É dessa confluência que nascerá a vontade de saber que poderá mobilizá-los para a aventura do conhecimento.

Isso só parece possível se, enquanto professores e professoras, pudermos ler o que estará

previsto nos currículos que serão elaborados a partir da Base tendo em conta duas premissas fundamentais. A primeira é que a História é algo para pensar sobre, e não para memorizar. É nesse sentido que aprender História é aprender a pensar historicamente, ou seja, incorporar à sua maneira de pensar (sobre o mundo, sobre a sociedade, sobre a vida) habilidades do pensar que são características da História.

***“O TEMPO PRESENTE
APARECE DE MANEIRA
CONTUNDENTE PARA
JUSTIFICAR O ESTUDO DA
HISTÓRIA NA ESCOLA”***

A segunda premissa é que os estudantes são seres pensantes, que têm questões sobre o mundo em que vivem. Isso é decisivo porque só há aprendizagem (por parte dos alunos e alunas) quando há atividade intelectual (por parte deles e delas) para além da memorização.

A História na escola, portanto, precisa lidar com esse presente intangível, com esse contexto que ninguém conhecerá melhor do que o professor ou a professora de História de cada turma desse país. Aí surgirão as questões que permitirão aos estudantes se relacionarem com a História de maneira a desenvolver habilidades do pensar e, portanto, a se mobilizarem para estudar e aprender. Desde que na escola a gente estude a vida.

CAPÍTULO 7 // DICAS PARA SUA FORMAÇÃO

O que ler para se preparar para a BNCC de História

Livros e artigos que trazem novas propostas para o estudo de História baseados em linhas de pesquisa consolidadas internacionalmente. São referências que ajudam o professor a levar para a sala de aula a perspectiva do pensar historicamente

// LIVROS

***Ensino de História: fundamentos e métodos*, de Circe Maria Fernandes Bittencourt, Editora Cortez, 328 págs., R\$ 74,00** – Circe é uma das principais pesquisadoras brasileiras do ensino de História e aborda a trajetória do ensino e da História como disciplina escolar, além de apresentar os fundamentos que norteiam – ou devem nortear – boas práticas em sala de aula.

***Ensino da História e Memória Coletiva*, de Mario Carretero, María Fernanda González e Alberto Rosa (org.), Editora Artmed, 294 págs., R\$ 71,10** – Reúne textos que tratam da relação entre memória coletiva e o ensino de História, indicando o quanto essa memória é importante na composição dos conhecimentos prévios dos alunos sobre muitos dos temas que se estuda na escola.

A Expressão Linguística dos Saberes: Aspectos da Relação Entre a Aprendizagem da Língua Escrita e o Desenvolvimento da Consciência Histórica, de Maria Lima. Em ***A Escrita da História Escolar: Memória e Historiografia***, de Rebeca Gontijo, Marcelo Magalhães e Helenice Rocha (org.), Editora FGV, 472 págs. **Preço sob consulta** – A autora olha para as formas como os alunos aprendem e se relacionam com a História. O texto acompanha uma atividade para que os estudantes se dediquem a questões relacionadas ao racismo e desenvolvam a consciência histórica, um dos pilares do pensar historicamente.

The Big Six Historical Thinking Concepts, de Peter Seixas e Tom Morton, Editora Nelson, **acompanha DVD. Preço sob consulta** – Para formação continuada de professores, tem uma linguagem bastante acessível e didática (em inglês), aproximando o leitor daquilo que seriam, na perspectiva dos autores, os seis principais conceitos (ou habilidades) do pensar historicamente.

// ARTIGOS

Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em história – A autora, Isabel Barca, é uma pesquisadora portuguesa do ensino da linha que, no Brasil, vem sendo conhecida como Educação Histórica. Nesse texto, ela aproxima o leitor dessa perspectiva, investigando como os alunos se relacionam com o conhecimento histórico, e especificamente com a ideia de que em História pode haver múltiplas explicações para um mesmo acontecimento ou processo.

Pesquisa em ensino de História: entre desafios epistemológicos e apostas políticas – Reúne textos que mapeiam e analisam as pesquisas em ensino de História, especialmente no Brasil. Ana Maria

Monteiro, assim como as outras três organizadoras deste livro, é uma das principais pesquisadoras da área no país.

Los conocimientos previos en situaciones de enseñanza de las Ciencias Sociales – A autora, a argentina Beatriz Aisenberg, é uma das principais referências nas pesquisas sobre ensino e aprendizagem de Ciências Sociais, em particular em sua interface com a leitura. Neste texto, aborda a importância de os professores levarem em conta o que seus alunos pensam – em termos de concepções prévias, para além das (mais usuais) informações prévias.

A scaffold, not a cage: progression and progression models in history – Propõe um modelo de progressão da aprendizagem em História, para levar os alunos a se aproximarem do pensar historicamente. Os autores, Peter Lee e Denis Shemilt, são grandes referências britânicas nas pesquisas sobre ensino e aprendizagem da História.

Dilemmas and delights of learning history – O texto que é parte da obra *Knowing, Teaching & Learning History*, analisa a aprendizagem do componente da perspectiva da Teoria da História, em uma linguagem acessível, ainda que em língua inglesa. Trata-se de uma importante referência norte-americana para o ensino de história.



CAPÍTULO 8 // TESTE SEUS CONHECIMENTOS

Teste seus conhecimentos sobre a BNCC de História

Sete questões para você afinar o seu conhecimento sobre a Base

1 Tempo e espaço continuam sendo categorias centrais, eixos estruturantes da Base.

VERDADEIRO

FALSO

2 Os processos de identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise de um objeto estimulam o pensamento e devem ser desenvolvidos.

VERDADEIRO

FALSO

3 O passado deve ser apresentado ao aluno a partir de uma narrativa que contemple a versão “oficial” dos fatos.

VERDADEIRO

FALSO

4 Pensar a diversidade dos povos e culturas e suas formas de organização é um dos principais objetivos de História para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

VERDADEIRO

FALSO

5 É no início de cada atividade que os estudantes devem ser ouvidos pelo professor para que possam expressar o que já sabem.

VERDADEIRO

FALSO

6 Problematizar conflitos mundiais e nacionais é um dos objetivos centrais para os anos finais do Fundamental.

VERDADEIRO

FALSO

7 A avaliação tem como principal função determinar quais alunos chegaram aos padrões de desempenho propostos pelo professor.

VERDADEIRO

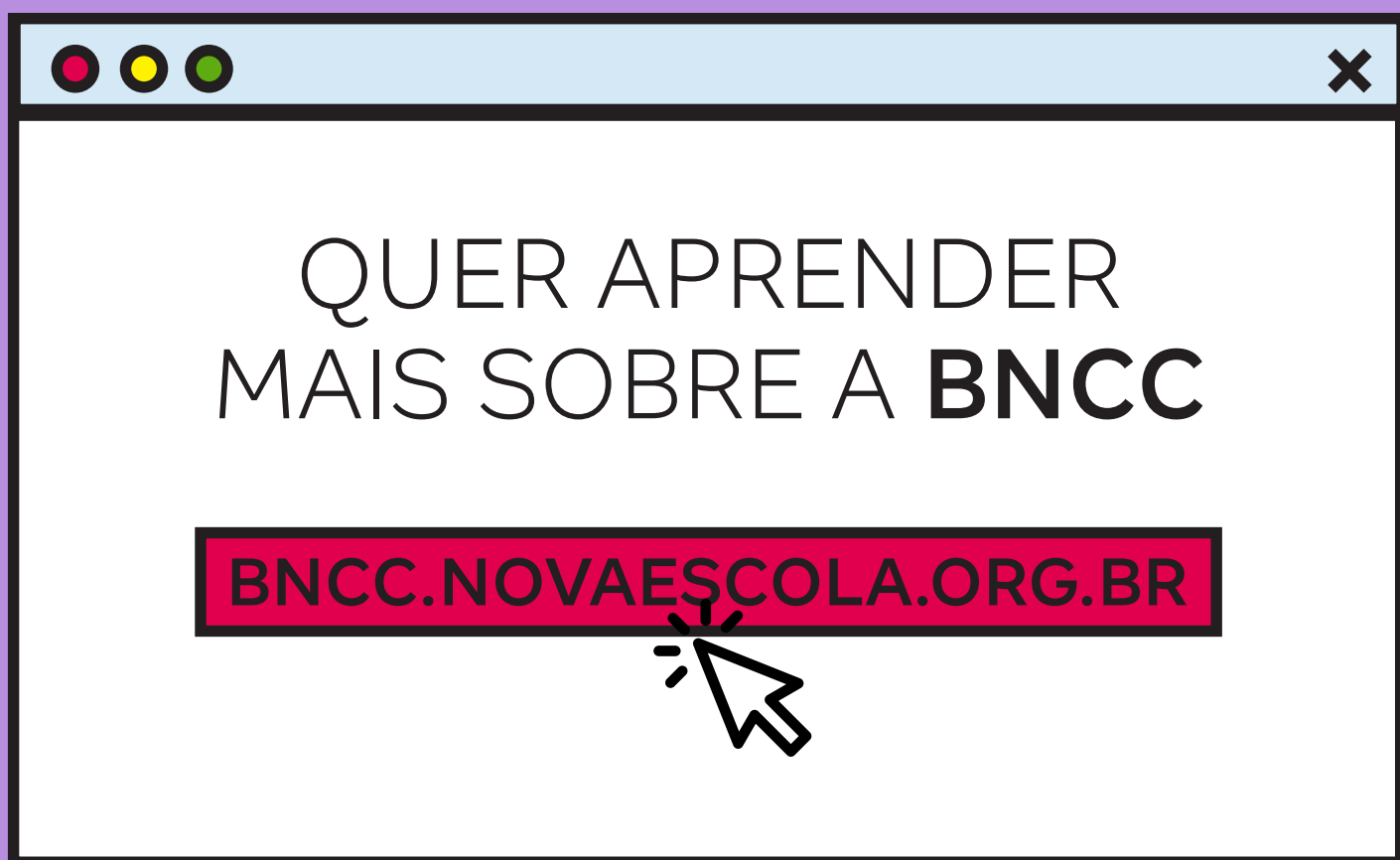
FALSO

RESPOSTAS

1-V // 2-V // 3-F // 4-V //
5-F // 6-V // 7-F

nova

escola



REALIZAÇÃO:

associação

nova

escola

CO-REALIZAÇÃO:

FUNDAÇÃO

Lemann

